

# A distinção entre ideia e expressão em meio à inteligência artificial generativa

Autor: Marcelo Frullani Lopes

# As ideias

Art. 8º Não são objeto de proteção como direitos autorais de que trata esta Lei:

I - as ideias, procedimentos normativos, sistemas, métodos, projetos ou conceitos matemáticos como tais;

(...)

VII - o aproveitamento industrial ou comercial das ideias contidas nas obras.

# As expressões

Art. 7º São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

(...)

§ 2º A proteção concedida no inciso XIII não abarca os dados ou materiais em si mesmos e se entende sem prejuízo de quaisquer direitos autorais que subsistam a respeito dos dados ou materiais contidos nas obras.

§ 3º No domínio das ciências, a proteção recairá sobre a forma literária ou artística, não abrangendo o seu conteúdo científico ou técnico, sem prejuízo dos direitos que protegem os demais campos da propriedade imaterial.

# Os autores

Art. 11. Autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica.

Parágrafo único. A proteção concedida ao autor poderá aplicar-se às pessoas jurídicas nos casos previstos nesta Lei.



# Concepção e execução

- Jane Ginsburg e Luke Budiardjo (2018) dividem a criação intelectual em duas fases: concepção do plano criativo e direção da execução;
- Se uma pessoa apenas transmite ideias gerais a outra, que desenvolve o plano criativo e o converte em uma expressão, apenas a segunda será considerada autora. Da mesma forma, se uma pessoa apenas auxilia o artista na fase de execução, somente seguindo suas instruções, sem contribuir criativamente, também não será considerada coautora da obra.

# Origem histórica

- Há uma relação estreita entre a distinção “ideia/expressão” e uma visão ocidental moderna sobre a arte e a atividade artística;
- Durante a Idade Média, copiadores e comentadores exerciam um papel criativo relevante ao alterarem as obras sobre as quais eles trabalhavam.

## Origem histórica

- Com a invenção da imprensa, porém, fortalece-se a visão do autor como o “fiador da totalização da obra” e o responsável pelo seu “fechamento de sentido”, como explica Pierre Levy (2010, p. 149);
- Segundo Guilherme Carboni (2010, p. 46), a obra impressa transmite a noção de “auto encerramento”, pois ela pode ser reproduzida em milhares de cópias iguais, com custos muito menores do que os textos manuscritos, além de ser muito mais difícil alterá-la.

## Origem histórica

- Outra transformação muito relevante da visão ocidental sobre a obra e sobre o autor se deu no Renascimento, movimento artístico e cultural que se desenrolou do século XIV até o final do século XVI;
- De acordo com Ernst Gombrich (2010, p. 154) e Martha Woodmansee (1994, p. 35), esse movimento contribuiu decisivamente para que o artista deixasse de ser visto como um mero artesão que apenas seguia um fazer tradicional. A contribuição individual do artista passa a ser muito mais valorizada.



# Shanzhai

- No livro “Shanzhai”, publicado recentemente no Brasil, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2023, p. 11) explica como o pensamento chinês não acolhe a noção de criação como um “ponto absoluto e único”, valorizando mais o processo, “com suas incessantes mudanças”;
- A ideia de obra de arte como algo acabado e “auto encerrado” não se aplica ao Extremo Oriente, segundo Han (2023, p. 24-25), pois as obras primas chinesas nunca permanecem idênticas, sendo constantemente sobrescritas por especialistas e colecionadores, especialmente através do que o filósofo chama de “selos”.

# Shanzhai

- Além disso, a “cópia” não é vista de forma negativa, mas como uma homenagem a outros artistas (HAN, 2023, p. 31). A realização de cópias idênticas é objeto de reconhecimento, não de crítica;
- A palavra “shanzhai”, que está no título do livro de Han, é um neologismo chinês para “fake”, que não se aplica apenas a obras de arte, mas também a prêmios, políticos, celebridades, produtos e várias outras áreas (HAN, 2023, p. 85). Essas “falsificações” às vezes até superam os chamados “originais”.

# Shanzhai

- O “shanzhai” espelha o próprio processo contínuo e interminável de criação que se verifica na natureza, como explica Han (2023, p. 93-94): “A natureza, embora não tenha nenhum gênio criativo, é, na verdade, mais criativa do que o ser humano mais genial. Afinal, os produtos de alta tecnologia são frequentemente shanzhai de produtos naturais. A criatividade da natureza se deve a um processo contínuo de variação, combinação e mutação. A evolução também segue o modelo da constante transformação e adaptação. A criatividade inerente a shanzhai escapa ao Ocidente na medida em que ali se enxerga apenas fraude, plágio e violação da propriedade intelectual”.



# IA generativa

- Com a inteligência artificial generativa, torna-se cada vez mais difícil definir um momento preciso no tempo em que um determinado artista, individualizado, transforma ideias em expressão;
- Nestas primeiras décadas do século XXI, uma nova área da inteligência artificial ganhou proeminência: o aprendizado de máquina. Realiza-se um treinamento com base em milhares, milhões ou até mesmo bilhões de dados, a partir do qual o sistema computacional consegue identificar padrões que serão aplicados para a geração de obras futuras.



# Outputs

- O resultado gerado pela IA pode ser considerado uma expressão? Como foi visto anteriormente, segundo nossa legislação, criações são “obras do espírito”, e autor pode ser apenas pessoa física. Por mais autônoma que seja, não se pode atribuir a expressão à inteligência artificial;
- A tarefa de buscar o ser humano responsável pela criação dos “outputs” gerados por sistemas de inteligência artificial que utilizam aprendizado de máquina é bastante complexa. Afinal, o usuário escreve um “prompt”, no qual o sistema computacional se baseia para produzir um resultado. Mas esse resultado será fornecido com base nos padrões aprendidos pelo sistema em um processo de treinamento realizado a partir de milhões, ou até mesmo bilhões, de dados.

# Papel do usuário

- Os sistemas generativos mais famosos funcionam através da interação com usuários a partir dos chamados “prompts”, que são instruções direcionadas pelos usuários ao sistema de inteligência artificial, para que sejam gerados tipos específicos de conteúdo;
- Apesar de serem instruções, os “prompts” dificilmente podem ser equiparados aos comandos realizados pelos artistas aos seus subordinados. Os resultados gerados pelo sistema costumam fugir bastante de qualquer plano criativo ou direção da execução atribuíveis ao usuário.

# Papel do programador

- O programador, por sua vez, possui um papel importante ao escolher como será o processo de treinamento, quais bases de dados serão utilizadas e ao definir o que o programa será capaz de criar;
- Mas, da mesma forma que ocorre com os usuários, dificilmente se pode atribuir ao programador a concepção do plano criativo e a direção da execução dos resultados gerados pela IA.



# Participação de outros agentes

- Não se pode desconsiderar, também, o papel dos criadores das obras e das bases de dados utilizadas nos processos de treinamento;
- Afinal, a IA generativa detecta padrões com base nesses dados de treinamento, sendo capaz de gerar novas obras com base neles;
- Porém, também há enorme dificuldade de atribuir autoria a indivíduos cujas obras foram utilizadas apenas para a detecção de padrões.



# Conclusões

- Vários agentes distribuídos e sem conexão entre si contribuem para a geração de obras por sistemas de inteligência artificial, mas, em boa parte dos casos, nenhuma dessas contribuições é suficiente para atribuir autoria isolada a algum deles. A coautoria também não se verifica, tanto em função da ausência de cooperação entre esses agentes, quanto pelo fato de que um sistema computacional, que é destituído de personalidade jurídica, realiza boa parte do trabalho;
- Nossa concepção sobre os direitos autorais, e até mesmo sobre a própria arte e o fazer artístico, talvez precisem mudar radicalmente para se adequar aos novos tempos. A obra “Shanzhai”, mencionada anteriormente, pode nos inspirar nesse caminho, ao apresentar uma visão sobre a atividade artística que destaca a sucessão de contribuições realizadas por diversos agentes e as transformações constantes das obras de arte, em um processo contínuo e interminável.